

## AUTOEROTISMO EM SALA DE AULA: O QUE PENSAM, COMO REAGEM E DIZEM FAZER OS PROFESSORES?

Ricardo Desidério da SILVA<sup>1</sup>  
Ana Cláudia Bortolozzi MAIA<sup>2</sup>

678

**RESUMO:** Percebendo-se a necessidade de uma discussão sobre a temática da sexualidade nas escolas e principalmente na formação dos docentes este estudo qualitativo investigou o relato de professores sobre o autoerotismo de seus alunos e alunas na sala de aula: o que pensam, como reagem e dizem fazer em sua prática docente. Participaram 9 professores, de ambos os sexos, que responderam a uma entrevista projetiva para posterior análise de conteúdo. Os resultados demonstram que os professores, apesar de considerarem importante este trabalho com seus alunos, manifestam dificuldade em falar sobre o tema, indicando inclusive que partem de suas concepções pessoais e não baseados em teorias, evidenciando assim, carência na sua formação para lidar com educação sexual na escola. Conclui-se que os professores ainda percebem a sexualidade a partir de mitos e tabus, especialmente sobre o autoerotismo e, nesse sentido, é importante investir na formação acadêmica de professores para que possam desenvolver de modo pedagógico, contínuo e sistemático, projetos de educação sexual na escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autoerotismo. Sexualidade. Educação sexual.

### Introdução

Ao longo dos anos, muitos tabus foram criados sob uma das manifestações mais naturais da sexualidade humana. Em seu texto *A longa história da repressão sexual*, Cunha (1981) faz uma síntese histórica de grandes movimentos que marcaram e ainda marcam a história da sexualidade humana, que esclarecem com riqueza muitas informações sob as formas de se pensar e agir sobre o sexo.

No texto, o autor nos faz lembrar o movimento Vitorianismo, do século XIX que aceitavam o sexo com o único objetivo de procriação e mesmo assim, ele deveria ser restrito dentro do casamento. O autor também nos possibilita recordar de alguém que realmente pôde ter coragem “[...] de se insurgir contra esse movimento e considerar

<sup>1</sup> Doutorando em Educação Escolar. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Pós-graduação em Educação Escolar. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Sexualidade, Educação e Cultura. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 - contato@ricardodesiderio.com.br; rickdesiderio@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação com Pós-doutoramento pelo Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX). UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa “Sexualidade, Educação e Cultura” (GEPESSEC). Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 - aclaudia@fc.unesp.br; cau.bortolozzi@hotmail.com

a sexualidade como uma inspiração. Seu nome foi *Henry Havelock Ellis* (1859-1939).” (CUNHA, 1981, p.19).

Para Cunha (1981), *Ellis* ainda adolescente, sofria muito com suas poluções noturnas – ejaculação involuntária comum de ocorrer entre os adolescentes durante o sono. Segundo o autor, *Ellis* morria de medo destas ejaculações involuntárias, pois se dizia na época “que a perda de sêmen levava à fraqueza, doença e loucura” (CUNHA, 1981, p.24). Com o passar dos anos, *Ellis* foi percebendo que não estava adoecendo e muito menos ficando louco. Com isso, decidiu-se dedicar a entender a sua própria sexualidade e de toda humanidade, passando a estudar Medicina.

*Ellis* então se tornou conhecido a partir de sua obra *Estudos da Psicologia do Sexo*, publicados entre 1896 e 1910. Obra esta que pôde trazer a tona uma de suas conclusões: “[...] a masturbação é um fenômeno comum entre machos e fêmeas de qualquer idade.” (CUNHA, 1981, p.24) e ainda afirmou da necessidade de uma educação sexual para todos.

Passados então os séculos XIX e XX, ainda nos deparamos com um grande mito e tabu da sexualidade humana – o autoerotismo. No ambiente escolar, a expressão da sexualidade se faz presente cotidianamente. O professor, vivência então uma das manifestações da sexualidade da criança e do adolescente – a manipulação dos órgãos sexuais. Esta manifestação se organiza por volta dos três ou quatro anos de idade e “é uma das mais intensas descobertas infantis”, segundo Nunes e Silva (2006, p.77). Para os autores, esta fase proporciona a criança uma intensa experiência de prazer – descoberta do próprio corpo, não devendo ser confundida ao ato intencional, “[...] daí ser absolutamente ridículo e descabido reprimi-la como ‘masturbação’ ou perversidade.” (NUNES; SILVA, 2006, p.77).

Porém, mesmo que esta manifestação da sexualidade seja algo natural presente no cotidiano escolar, muitos professores ainda a consideram uma situação difícil de lidar seja na sua vida pessoal e, mais precisamente, no contexto da escola (MAIA; MAIA, 2005). O que pensam os professores sobre a questão? Como relatam reagirem diante de uma situação como esta? O que dizem fazer? Para elucidar essas questões, este estudo qualitativo investigou o relato de professores sobre o autoerotismo de seus alunos e alunas na sala de aula.

## **Método**

## **Participantes**

Participaram deste estudo 09 professores, de ambos os sexos, de escolas públicas do Ensino Fundamental e Médio da cidade de Londrina-PR. Estes professores receberam aqui nomes fictícios por ordem de apresentação no texto: Elisa (professora de Ciências e Biologia, de 47 anos de idade); Tânia (professora de química, 45 anos); Gabriela (professora de história, 28 anos); Soraya (professora de geografia, 51 anos); Gilberto (professor de matemática, 45 anos); Rebeca (professora de ciências e biologia, 38 anos); Janaína (professora de história, 37 anos); Mário (professor de sociologia, 48 anos) e Cleonice (de ciências e biologia, 39 anos). Os participantes foram devidamente esclarecidos sobre os objetivos da pesquisa e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, respeitando os procedimentos éticos em pesquisa com seres humanos.

## **Procedimento de coleta e análise de dados**

A coleta de dados foi executada a partir de entrevistas, que versaram sobre a concepção do professor sobre a manifestação da sexualidade – autoerotismo em sala de aula. A entrevista foi organizada apresentando-se uma situação projetiva em que os professores pudessem relatar sobre o autoerotismo no contexto escolar: foi perguntado aos professores se “em um dado momento, você percebesse que um aluno está se masturbando e, ao se direcionar a ele, a sala toda começasse a comentar o fato, de que forma você reagiria?”

As entrevistas foram realizadas na própria escola onde trabalhavam os professores, em uma sala reservada e com privacidade. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Para avaliação dos relatos, empregou-se o método de análise de conteúdo segundo Bardin (2007).

No conjunto de procedimentos conhecido como Análise de Conteúdo, existe uma técnica denominada análise temática que, se configura na leitura do material transcrito, seleção de trechos significativos e relevantes e posterior identificação, construção e análise das categorias temáticas (BARDIN, 2007; MINAYO, 2004).

## **Resultados e discussão**

Para uma melhor compreensão dos argumentos apresentados por estes professores, seguem-se as transcrições de suas falas (concepções e contradições) e uma análise das reais atitudes (perspectivas) que poderiam ser desenvolvidas por estes professores sobre o assunto em sala de aula.

Elisa relata que essa situação já aconteceu com uma outra professora na escola em que ela trabalhava. O aluno se masturbava e se limpava na cortina e só depois de acontecer umas duas ou três vezes a professora comunicou à direção, que, por sua vez, comunicou à supervisão, “E daí jogaram pra quem? Joga pro professor de Ciências e Biologia, infelizmente”. Percebe-se nesta fala da professora um direcionamento muito comum nas escolas de que quaisquer assuntos relacionados à sexualidade, somente os professores da área biológica são os que podem resolver, o que não é verdade, pois sabemos que quaisquer professores, seja qual for sua formação pode tratar e/ou abordar questões sobre a temática.

Entretanto, percebe-se na fala da professora que a própria manifestação da sexualidade do aluno não está tão clara para ela:

Primeiro eu conversei com o menino sobre o porquê ele fazia isso em sala de aula, que se ele devia ou não, não era eu que ia falar isso pra ele, mas que ali não era o lugar adequado, podia não ser a hora adequada, que isso é uma falta de respeito com as outras crianças que estão ali, porque ele era um pouco maior, mas tinha crianças maiores. **Às vezes, isso daí poderia ser normal pra ele, mas pras outras crianças, isso daí não é normal.** Depois de falar com ele, eu falei com a sala, só que ele não quis ficar dentro de sala de aula. A sala viu, mas só que ninguém falou nada, ninguém comentou e não sei se porque o menino era maior. [...] **Daí eu cheguei pra sala e falei, comentei com eles que ali não era o lugar adequado.**

A professora também relatou que, logo após falar com a turma, começaram a surgir perguntas e ela acabou comentando algo que ouviu falar:

Daí já veio as perguntas se era pecado se masturbar, se dava espinha se masturbar, e todas aquelas perguntas. Daí eu fui explicando pra sala que não é pecado, que não dá espinhas, **mas o porquê não deve se masturbar, porque segundo eu fiquei sabendo, tanto a mulher como o homem, se começarem a se masturbar, pode trocar o homem pela masturbação, no caso da mulher, e o homem trocar a mulher, porque ele sabe o ponto dele, mas que não era pecado e eles aceitaram numa boa.**

Pode-se observar que Elisa manifesta, claramente, a crença, apresentada por Furlani (2007, p.136) em seu livro *Mitos e Tabus da Sexualidade Humana*, de que “[...] quem muito se masturba não tem interesse em praticar sexo com parceiro (a).” Crer que o fundamental seria explicar que o autoerotismo se faz em ambientes privados, salientando a importância da privacidade, de forma que o aluno não seja reprimido por

sua atitude. É fundamental mostrar que a questão é o local, que não é apropriado para isto, e não o fato de ocorrer o autoerotismo, como afirma Figueiró (2008).

Entre os outros professores pesquisados esta situação não havia ocorrido, mas Tânia acredita que ela iria se assustar e tentaria falar sobre o assunto. Quanto às piadas, ela considera natural acontecerem, desde que sem preconceitos:

**Eu vou me assustar, mas mesmo assim eu vou criar coragem, vou quebrar minhas barreiras e vou falar sobre o assunto.** [...] Bom [pausa], eu acho que eu vou dar uma bronca, mas uma bronca pra acalmar, e depois a gente vai tentar solucionar e explicar que não é motivo pra dar risada [...] É [...] **pode até dar risada; uma coisa decente, contar umas piadinhas. Mas aí, tem que realmente... porque só ficar bravo, também não vai funcionar.** Tem mais que se posicionar pra falar da importância mesmo, que pode ter e depois falar o assunto real [...]

A professora Gabriela disse que comentaria, em classe, que se trata de uma coisa normal, apesar de admitir que, para ela, não é algo totalmente normal, revelando uma possível ambivalência neste aspecto “Eu ia falar que é uma coisa normal. Pra mim **não chega a ser uma coisa completamente normal**, faz parte de descobrir a sexualidade.” A professora também acredita que iria ficar constrangida, “Eu ia ficar encabulada, **eu ia ficar constrangida pelo local em que ele está fazendo, mas não pelo ato.**”

Para Soraya, mesmo sendo uma situação bastante constrangedora, ela acredita que saberia lidar com ela. “É [...] eu acho assim, na hora a gente vai ficar assim um pouco constrangida, mas eu acho que eu vou ter suporte pra controlar a situação.”

Gilberto acredita que, mesmo se tratando de um tema que envolve sexualidade, essa situação poderia chocá-lo:

[...] por mais que eu esteja aberto, por mais que eu goste de tratar do assunto, por mais que qualquer outra coisa, **é uma cena que choca qualquer um**, seja homem seja mulher, o professor, ou mesmo os que estiverem à sua volta.

Quando perguntado se ele fingiria não ver o aluno se masturbando, ele responde:

Se for uma coisa, vamos dizer, um toque esporádico, de repente, o cara resolveu lá coçar o pênis, ou a menina, de repente, resolveu se tocar ou coisa parecida. **Se a gente ver que é uma vez ou outra, dependendo do grau de exposição, às vezes, a gente tem que ficar até quieto, porque, às vezes, a gente tem que ter certeza das coisas antes de agir.** Então, se a gente não vê maldade, se a gente vê que aquilo não está extrapolando uma coisa que possa ferir o direito dos outros, em

alguns casos a gente pode até ser um pouco neutro. Agora, se a gente perceber que aquilo ali está extrapolando, que está sendo feito com maldade, com uma certa malícia, com a intencionalidade de, de repente, agredir os demais, aí é certo que nós temos que agir.

A professora Rebeca não saberia reagir diante da situação, mas tentaria conversar com o aluno e com a turma:

Com o aluno, de **repente, eu acho que chegaria e falaria**: Olha, aqui não é o lugar apropriado pra fazer isso. A masturbação é uma coisa saudável, é uma descoberta de seu próprio corpo, que você se toca, você sente prazer, mas há um lugar pra fazer isso. [...] e falaria pra turma que é uma coisa natural, não dá pelo na mão, porque existe um monte de tabu, e que esses tabus, ainda, saem em sala de aula. Apesar de tudo, essa informação que eles recebem de um pro outro, tem muita coisa errada, né? Aí a necessidade da gente passar coisas que é o certo.

Janaína pediria para que o aluno saísse da sala, buscando, assim, minimizar (postergar) a situação de mal-estar. Porém, se a sala não percebesse o fato, ela deixaria passar também: “Se eu ver e ninguém mais ver, eu deixo quieto. Se os outros alunos viram, eu peço pra ele sair.” Em relação às piadas que poderiam surgir na sala, ela relata que não tem como proibi-las.

Para Mário, tudo vai depender do momento e do seu próprio estado de humor, o que evidencia que há ocasiões em que o educador tem maior controle sobre as suas emoções e consegue lidar melhor com situações inusitadas e difíceis. Entretanto, sob pressão de outras circunstâncias, pode vir a ter uma conduta mais alterada, inadequada. Pondera, também, que sua atitude pode variar de acordo com a idade do aluno em questão:

Vai depender muito, eu acredito, do momento. **Se você pegar num momento de tranquilidade, você até consegue. Agora, se está num dia não muito bom, que, como o aluno, né, você tem que respeitar todo o dia em que não está bom, o professor também tem dia que, é à noite já, ele teve um dia cheio, de repente, ele estoura.** Você tem que tomar um cuidado enorme. Você faz de tudo pra manter a calma e conseguir. Aí você tem que olhar até que aluno. Se for um aluno menor, é um tratamento; se é um aluno maior, é outro. [...] Nunca me aconteceu, mas aí não teria nem o que fazer. Teria que ter calma pra conseguir contornar a situação. Agora, a calma, eu acho que depende do momento.

A professora Cleonice usaria a discrição e se aproximaria do aluno para conversar. Caso surgisse alguma piadinha na sala, ela conversaria com os alunos de uma maneira “natural”.

Caso eu detectasse, eu teria que ir ali meio pertinho, próximo ao aluno. Falaria: **Dá licença, só um pouquinho: Você quer [...] Tem que ser mais discreto, aqui não é um local muito oportuno; você não quer dar uma saidinha?** Pra que não ocorresse, assim [...] Porque é um local público a sala de aula. Então, não seria um local adequado para essas situações. [...] Caso surgissem algumas piadas quanto a isso, o que eu faria? Eu falaria: Calma, gente! Isso aí é uma coisa que nós podemos passar por essas situações, só que nós deveríamos escolher os locais mais apropriados pra que não se tornem muito público.

A professora também argumenta que se o fato acontecesse de uma forma muito sutil, ela até fingiria não ter visto acontecer nada, caso contrário, ela agiria:

Depende, né, depende da situação, se têm poucos alunos, se foi uma coisa muito sutil, de relance, que não se tenha visto mais. [...] Bom... passou, passou! Agora, se continua uma cena dessas, eu acho que teria que agir pra não tornar uma coisa muito alarmante naquele lugar, né, não muito apropriado.

Quanto à masturbação, pode-se observar que o tema ainda é descrito como algo “assustador”, tendo como objeto mobilizador duas situações: a masturbação em si e o fato dela poder ocorrer em sala de aula. Mais do que isso, diante desse tipo de manifestação sexual, os professores relatam que agiriam segundo suas concepções pessoais e não baseados em teorias evidenciando carência na sua formação para lidar com educação sexual na escola (SILVA, 2002; FIGUEIRÓ, 2006; DESIDÉRIO, 2010; MAIA; SPAZIANI, 2010).

Para Furlani (2007, p.135), a masturbação não deve ser encarada “[...] com o preconceito repressor que vem sendo conferido, principalmente, às crianças e jovens que a praticam.” Segundo a autora, uma das ideias que constituem a crença sobre masturbação é a de que “[...] quem muito se masturba não tem interesse em praticar sexo com parceiro(a).” (FURLANI, 2007, p.136). Pode-se observar que a professora Elisa manifestou, claramente, esta crença, ao comentar como reagiria com seus alunos caso viesse a se defrontar com tal situação.

Furlani (2007, p.137) argumenta que, em relação a esta crença

[...] pode-se considerar que, de um modo geral, há uma preferência em se praticar o sexo com um (a) companheiro (a). contudo, sabemos que não se trata apenas de uma questão de preferência e sim de oportunidade. Optar por masturbar-se pode independe da vontade, uma vez que a necessidade orgânica pelo sexo (o extravasar sexual) é uma realidade tanto para os homens como para as mulheres, podendo ocorrer, portanto, em qualquer época da vida.

Egypto e Egypto (1990, p.31) também consideram um mito dizer que “[...] a pessoa que aprende a desfrutar de um tipo de prazer sozinha teria dificuldade de encontrar prazer com um companheiro ou companheira.”:

Há várias formas e vários graus de prazer e não se pode medi-los. A mesma pessoa é capaz de sentir tipos e graus diferentes de prazer, sozinha ou acompanhada, conforme esteja mais disposta ou cansada, preocupada ou mais satisfeita. [...] Também as pessoas que têm vida sexual regular com parceiros podem recorrer e recorrem à masturbação, seja porque desfrutam de um tipo diferente de prazer, seja para aliviar tensões, seja porque está impossibilitado ou ausente. (EGYPTO; EGYPTO, 1990, p.31-32).

Em relação à masturbação em sala de aula, Figueiró (2008) afirma que, em primeiro lugar, é natural que todos toquem em seus genitais e que possam descobrir que isso dá prazer e é bom, além de não ser necessário desviar a atenção da criança para alguma atividade, desde que não haja outras pessoas no mesmo ambiente. Porém, como em sala de aula, sempre há outras crianças, se o professor observar algum aluno ou aluna praticando o autoerotismo, é importante explicar que isso se faz em ambientes privados, não havendo necessidade de se chamar os pais, pois o próprio professor pode conversar e esclarecer sobre a importância da privacidade. É fundamental que o aluno não seja reprimido por sua atitude, pois o importante é mostrar que o local não é apropriado para isto e não o autoerotismo. A autora também alerta que se o aluno ou aluna repete o ato muitas vezes, o educador deve ter uma conversa particular, pois pode haver uma irritação nos genitais e conseqüentemente, a mãe/o pai ou o responsável deverá ser comunicado para levar o filho ao médico.

Logo, será possível uma escola sem um trabalho de Educação Sexual? Segundo Aratangy (1998, p.14) a sexualidade está por toda parte, “[...] nas conversas de corredor, na ansiedade da sala dos professores, nas grafites dos banheiros.” Omitir é possível? Afinal, a sexualidade se aprende, sempre, em todo lugar, segundo Aratangy (1998). Para a autora, em cada gesto de afeto, em cada emoção vivida, em cada vínculo a sexualidade se faz presente.

### **Considerações finais**

O que os professores relataram sobre o autoerotismo no contexto da escola (o que pensam, sentem e dizem agir) retrata a grande dificuldade que ainda há sobre a sexualidade humana e a carência de formação acadêmica para que esse assunto seja tratado de forma pedagógica na escola. Assim, os dados enfatizam a necessidade de



uma formação continuada na área da sexualidade, pois observamos que os professores ainda carregam mitos e tabus – concepções errôneas de um modo geral sobre o autoerotismo e a sexualidade.

Um grupo de estudos sobre esta temática, por exemplo, possibilitaria a estes professores, dentro do espaço escola, uma ampliação da compreensão sobre o assunto, o que lhes permitiria uma revisão de atitudes, crenças e valores, propiciando uma postura profissional consciente, tendo como ponto de partida e de chegada, suas necessidades, suas indagações, suas aspirações e seus desejos.

Todos esses aspectos nos fazem refletir sobre a necessidade de compreendermos que a sexualidade é parte integrante do ser humano, participante ativo de uma linha político social, como ser sexuado e que esta Educação Sexual precisa ser compreendida como toda ação que envolve uma aprendizagem sobre sexualidade humana. Para isto, faz-se necessário que nós educadores possamos desenvolver diretrizes e princípios filosóficos, éticos e políticos emancipatórios a partir da consideração da ação de resistência e afirmação de novas culturas e valores presentes na sociedade brasileira atual, com o reconhecimento de que há uma marcha de cidadãos e cidadãs em busca de seus direitos e identidades, dando-nos condições para compreender e viver positivamente a nossa sexualidade.

#### ***SELF-EROTISM IN THE CLASSROOM: WHAT THE TEACHERS THINK, RESPOND AND SAY?***

---

**ABSTRACT:** *Realizing the need for a discussion on the topic of sexuality in schools, and especially teachers training, this qualitative study investigated the teachers' reports about autoeroticism of their students in the classroom: what they think, how they react, say and do in their teaching practice. Nine teachers participated of both sex, who were interviewed for further projective content analysis. The results show that teachers, although they consider this an important work with their students they express difficulty talking about it, even departing from indicating his own views and not based on theories, thus evidencing the deficiency in their training to deal with sexual education in school. We conclude that teachers still perceive sexuality from myths and taboos, especially on autoeroticism, and in that sense, it is important to invest in academic training teachers to develop in a pedagogical way, continuous and systematic sexual education projects in school*

**KEYWORDS:** *Autoerotism. Sexuality. Sexual education.*

---

#### **REFERÊNCIAS**

ARATANGY, L. R. **Sexualidade:** a difícil arte do encontro. São Paulo: Ática. 1998.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro Lisboa. Lisboa: 70, 2007.

CUNHA, P. F. L. A longa história da repressão sexual. **Psicologia em curso**, Brasília, v.2, n.8, p.19-26, 1981.

DESIDÉRIO, R. **Quando a conversa sobre sexo chega à escola**: concepções, contradições e perspectivas de professores e seus alunos. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

EGYPTO, A. C.; EGYPTO, M. M. Masturbação. In: BARROSO, C.; BRUSCHINI, C. **Sexo e juventude**: como discutir a sexualidade em casa e na escola. São Paulo: Cortez, 1990. p.30-40.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Auto-erotismo: orientação para educadores. **Folha de Londrina**, Londrina, 31 jul. 2008. *Sexo & Comportamento*, p.02.

\_\_\_\_\_. **Formação de educadores sexuais**: adiar não é mais possível. Campinas: Mercado de Letras; Londrina: EDUEL, 2006.

FURLANI, J. **Mitos e tabus da sexualidade humana**: subsídios ao trabalho em Educação Sexual. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MAIA, A. C. B.; MAIA, A. F. **Sexualidade e infância**. São Paulo: UNESP; Brasília: MEC, 2005. (Cadernos CECMCA, n.1).

MAIA, A. C. B.; SPAZIANI, R. B. Manifestações da sexualidade infantil: percepção de pais e professores de crianças de 0 a 6 anos. **Revista Linhas**, Santa Catarina, v.11, n.1, p.68-84, 2010.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8.ed. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: ABRASCO, 2004.

NUNES, C.; SILVA, E. **A Educação sexual da criança**. Campinas: Autores Associados, 2000.

SILVA, R. C. **Orientação sexual**: possibilidade de mudança na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2002.